

MICROSCÓPIO

RAUL PILA

Debate-se a França numa complexa e profunda crise, consequência fatal de duas tremendas guerras, que sobre ela se abateram e quase a aniquilaram, no decurso, apenas, de duas gerações: imolaram-se, na segunda guerra, os filhos dos que haviam combatido na primeira. E o mais grave da crise francesa é a decadência moral, que há muito se vem acentuando. A demonstrá-la bastam os trágicos dias da invasão alemã, em que grande parte da população — a que estava corroída pelo materialismo e contaminada pelo extremismo da direita ou da esquerda — recebeu o invasor nazista quise como salvador.

Sendo a França verdadeira democracia, e não ditadura de roupagens democráticas, como a nossa, era fatal se refletisse no governo esta profunda crise, ao mesmo tempo moral, económica, financeira e política. E assim é que, com breves intervalos, se têm sucedido os gabinetes. Crise do regime! — bradam os cesaristas em França e alhures. Crise da nação — explicamos nós, os democratas; crise que os admiráveis atributos do regime parlamentar permitem se manifeste, como a salutar reaçãõ da febre se manifesta no organismo doente.

E', justamente, através destas sucessivas mudanças de governo, e somente por meio delas, que a Nação pode sentir plenamente o seu mal e buscar os meios de o combater. Abafá-las, impedi-las, como, pretendem fazer a ditadura e o presidencialismo, seu próximo parente, é a mesma insensatez que combater com anti-piréticos a febre de uma grave infecção.

Qual a causa da queda sucessiva do primeiro gabinete Schuman e do gabinete André Marie? Analisa-a, em recente correspondência de Paris, o grande cronista político que é Barreto Leite Filho: a incapacidade de ajustar os preços aos salários, ou, inversamente, os salários aos preços. Será possível resolver este problema na atual situação da França? Ignoro-o. Mas, se possível fôr resolvê-lo, parecerá fatalmente o governo capaz da hercúlea tarefa, graças, precisamente, as sucessivas crises que tanto assustam os nossos tupiniquins. E, se não fôr possível, disto acabarão por convencer-se as forças políticas.

Que sucederia, entretanto, com o presidencialismo? Temos em casa o exemplo. Estamos a braços com o mesmo problema dos franceses. E incapaz de o resolver se tem mostrado o governo. Que sucede? Nada, literalmente nada. O governo continua, porque é inabalável. Capaz, ou incapaz, ninguém o pode remover, ou, sequer, demover. Não há, por isto, crise política; mas a crise económica e a crise financeira, sem falar na crise moral, essas se vão agravando cada vez mais. A isto chamam governo eficiente e democrático...

Rio, 2-IX-1948.